A seção do Brasil na IV Bienal de São Paulo

Infelizmente, para o meio artístico e para o público, tanto quanto para os estrangeiros que a visitaram e a visitam, a Secção Brasil, na IV Bienal, afigura-se decepcionante, como de fato é.

O fato verificado, indaga-se o por quê das coisas, e os artistas atribuem aquele resultado ao Juri de Seleção, enquanto os membros do Juri o fazem recair sobre os proprios artistas.

Deveremos, então, esforçar-nos por compreender o que há no fundo das coisas, as razões desses índices tão baixos de nossas artes plasticas. Fica-nos a obrigação de contribuir para a analise do mal. Pois que assumiu o papel de hospedeiro de uma exposição de artes plásticas da envergadura da IV Bienal, cabe-nos uma responsabilidade nesse encontro internacional. Se não temos uma pintura e uma escultura, uma arte gráfica, uma produção, enfim, que mereça a manifestação mundial dos artistas que aqui se apresentam, fica-nos sumamente difícil participar desses Juris Internacionais, dessa outorga de premios, e até da solicitação por que nos sejam enviadas obras de arte significativas, da produção contemporanea.

É verdade que o problema pratico da Bienal consiste muito mais na criação de uma base de consumo da obra de arte, base esta que não está adstrita apenas ao trabalho organizatorio da Bienal — esta consiste uma ambição, a mais nobre e ambição de um grupo de homens que por ela trabalha, desde o presidente da instituição promotora e o grupo diretor, do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, ao ultimo dos funcionarios atuante do Museu e da Bienal. Cabe á coletividade inteira essa tarefa, e os meios de comunicação e de informação devem funcionar em plena eficiencia para promoverem o interesse que a iniciativa reclama.

O meio artistico não está acompanhando a Bienal, em seu desenvolvimento, em suas etapas decisivas. Percorra-se o catalogo da exposição, e ver-se-á que a Secção Brasil prescindiu dos veteranos e dos mais qualificados artistas. Uma auto-superestimação dos nossos artistas é mais experiencia e é mais responsabilidade na historia de nossa produção artistica, afasta-os da Bienal. O mal se agravou desta vez, e os mais velhos não compareceram. Nem mesmo os graficos o fizeram: Goeldi, Livio Abramo, Grassmann, aí não comparecem. O acerto do premio de melhor gravador nacional, então, fica patente na ausencia de Fayga Ostrower, diga-se de passagem. Mas a panorama da gravura se restringe dado que não houve possibilidade de xilografia, nesta exposição em que o maximo nacional deve ser dado.

É claro que a participação derivaria da um espirito de cooperação com a Bienal — e porque não cooperar com ela?

Atribui-se a falta de cooperação, em geral, na vida brasileira, a uma das faces negativas de nosso espirito, avesso a obra em conjunto, o que está proclamado e deve ser reconhecido como falha em nosso trabalho — ainda al a auto-superestimação que refluí até um mandonismo e um caciquismo individualizador, mata na fonte as possibilidades de uma obra civilizadora do tipo da Bienal (especificamente no Brasil, entenda-se), e aos elementos mais conscientes essa crítica precisa chegar, num trabalho a efetuar-se, sem hipocrisias e sem reticencias, para que superemos, com esforço construtivo e de todos, essa etapa de atraso em que vimos nos embaraçando.

O resultado precario da Secção Brasil é, então, o resultado de um Juri que buscou superar, na busca de qualidades, o comparecimento mais raio de valores, e a jovem pintura, com todas as suas deficiencias, acabou por implingir até os mais descabelados ensaios de desenho como se fôssem obras de arte definitivas.

Vejamos, minuciosamente, o que está nas paredes da Secção Brasil — não nos move um partidarismo que não seja o da qualidade e hesitamos, lenganamente, em nos expressar diante do repertorio brasileiro da Bienal, na busca do que seja efetivamente qualidade. Não nos divertimos com isto, como muitos pensam, mas raro foi encontrar as três qualidades positivas em tão tendencioso quadro como se apresenta o da situação atual das artes plasticas no Brasil, através da Secção em que os brasileiros comparecem — qualidades vivas, qualidades futuras, qualidades superadas...

Conhecemos pelo pintor que hoje é considerado o maior valor da nova geração, o premio de pintura no Salão Nacional de Arte Moderna. Ivan Serpa inicia a Secção Brasil — suas pinturas apenas numeradas, pois não lhes é necessaria designação nenhuma, não passando de variações de notas sem significação maior em espaço desfrutido de qualquer referencia, arvoram, cerrajosamente, uma pequena que ainda não conduziu o pintor a coisa alguma. Louve-se nele a atitude da execução, o ascetismo da pesquisa, a aventura. Mas seu intento geometrizador se encontramos uma pesquisa de Maria Leontina, em que a pintora paulista busca elementos de um construtivismo, também abstrato, mas em que está presente, na composição e no acerto linear a qualidade sensível, plastica e vibrante, num esforço realizador que emerge, como que simbolicamente, no "Percurso", de um fundo negro, que atua de feição negativa, á organização espacial com que se debatem a inteligencia e a sensibilidade dela.

Flaminghi, em alternancias verticais e horizontais, Mauricio Nogueira em telas esquematizadoras, fazem exercicios, que podem pretender nos preparar para receber a completa inutilidade da pesquisa da monteira de cabos com que a escultura de Weissmann joga a sua ambição sem nenhum objetivo. E' inexplicavel o criterio do premio a Weissmann.

Nesta sala, a unica pintura em que há semelhança de esforço expressivo ao de Maria Leontina, está no trabalho de Raymundo Nogueira, um céo sobre cursates, bem equilibrado e discretamente colorido, o qual, sem ser grande pintura, sai da vulgaridade em que predominam o tira-linhas.

Na mesma sala, a contribuição de Lygia Clark nos apresenta uma serie de "Meduladas" numa simplificação de planos que nem como base de pesquisa sugerem qualquer interesse. A seguir, Waldemar Cordeiro, com sua "Idéia visível", não coloca mais que um esquema de "lay out" sobre o cursatel. E pode-se dizer que as varias tentativas de Aluísio Carvão, na mesma linha insistente, não sai do projeto de "lay out".

O Juri de Seleção erros, redondamente, em aceitar Willys de Castro com a sua pintura branco-laranja. Há, pois, dois erros em simultanea e dolorosa confrontação: "Pintura 172".

José Pablo Barbosa da Silva também é inteiramente anodino com a sua "Oposição e variações sobre a diagonal".

Leila Perrone e Jacques Douchez elevam um pouco a pesquisa abstrata, com a "Paisagem impossível" e a "Paisão".

A composição de Leopoldo Raimo, esquematizando pesquisas de Kandinsky, não consegue sair do exercicio.

Piexor formulou dois quadros "Val e Vem em diagonal" desconexos pela intenção conceptiva, por um lado, pelo jogo de formas e cores sem nenhum equilibrio, por outro.

Emeric Lanyi ("Composição 26") e Paulo Rissone ("Paisagem da lagoa"), fazem questão da expressividade, rumo em que se pode conciliar a presença de Tanaka ("Vento leste"). Pertencem a um esforço que se distribui entre o abstracionismo e o expressionismo, predominando uma das duas tendencias mais num ou noutro — Rissone é o mais expressionista deles, e o melhor.

Não se pode dizer que o Juri de Seleção tenha deixado exemplificadas as pinturas de Helio Oiticica ("X 12"), de Clara Heteny ou de Ernani Mendes de Vasconcelos.

O pretendido geometrismo abstrato nada mais faz do que dos diagramas pobres e sugerir aspectos de "lay out", que é o que resta de concreto.

A pintura de Milton Dacosta, o estimavel valor que ele é na pintura brasileira, embora exemplificado pelas telas aceitas, pela significação destas, não escapa á precaridade da pesquisa e do esforço por atingir a obra de arte.

Entre, nesse conjunto pobre da pintura brasileira que a Bienal apresenta, é a pintura de Franz Kracjberg, em suas quatro variações, a que melhor se situa como resultado; o premio que lhe coube é dos que mais foram filtrados e adequadamente conferidos. O maneirismo de Plattner, premiado com a simples aceitação de seus três trabalhos, além de nada acrescentar á obra do pintor já conhecida nos esforços de seu habilíssimo grafismo, também nada acrescenta á pintura da Secção Brasil. Noutro extremo, há a ingenuidade de Elisa Martins da Silveira, com o que desta feita se despreza o grafismo de José Antonio da Silva, bem mais poetico.

Passemos então á grafica: louvemos os dois pontos altos da Secção Brasil, o desenho de Arnaldo Pedroso d'Horta, cuja lição de inteligencia e humildade, de sensível compreensão e de brilhante pesquisa acabou sendo responsavel, em seus reflexos de mais facil apreensão, pelo desenho de Wega, tão superficial e inconsequente. Arnaldo é de nove, em igualdade com seu oposto em pesquisa, Fernando Lemos, o melhor desenhista brasileiro na Bienal.

Diante desta pura lição grafica que os trabalhos de Arnaldo nos oferece, a facilidade das variações xilograficas de Ligia Pape nos demonstra o que há de mais indefensavel em pesquisa sem sentido — o Juri, na seleção, ao considerar em seu alto criterio a indispensabilidade dessa xilogravura, deveria ter economizado a sua aceitação, reduzindo para dois exemplos a repetição dos quatro trabalhos.

Fayga Ostrower está numa plenitude de sua melhor gravura, sua ausencia de fato colocaria a Secção Brasil sem referencia no ramo grafico em que ela trabalha e é aquele em que melhor nos completamos. "Planos e luz" é uma serena obra de arte. Em que pese a qualidade tecnica aguradissima, a xilogravura n. 2 não fornece a mesma comunicação sensivel: há uma fronteira para a contenção. Ou a fase de 1955 — também com "Ritmos" — teria sido a mais feliz? Mas "Forma no espaço" é uma altissima afirmação, e data de 1956.

Segue-se a esta gravura a de Rosinil Quinta Perez, de relevo em "Morro 2" e "Cais 2", principalmente.

Ao lado de uma contribuição franquissimá qual a de Dorothy Bastos, Ana Leticia realiza uma pesquisa, certamente, das mais interessantes, não obstante nos pareça difícil que ela consiga a atenção. São trabalhos muito pequenos em esteticamente transmitem, embora alguns já conseguidos, como "Peixe" ou "Plantas 2".

Edith Behring apresenta-se-nos como uma discípula retardataria de Felninger, valendo menção somente a gravura n. 8. Outro grafico em busca de uma definição é Arthur Luiz Piza, que se enquadra nas pesquisas de Miró.

As tentativas de Isa Leal Ferreira são encorajadoras porque a artista é ainda muito jovem. Fica-se entretanto intrigado com a aceitação das ilustrações de Hansen, já conhecidas, já expostas, já publicadas. E data de importante nota comta.

Nas gravuras de João Luiz Chaves Neto observa-se apenas a limpeza de execução.

Há um verdadeiro bem sem saída no desenho de Hercules Barsotti, Charoux e Wladislav, completamente destituídos de qualquer interesse.

Duas contribuições do Rio, Hilde Weber e Bonanzola, situam-se lado a lado. Uma unica peça de Hilde, "Science Fiction", irônico desenho colorido, não é efficiente para um conhecimento bastante da fase que a desenhista atravessa, fora da rotina diaria de seu trabalho na imprensa. Tiziana Bonanzola coloca-se, com desenhos esquálidos, na mesma linha de Flavio de Resende Carvalho, que foi recusado.

Cabe um registro ás filigranas de Francisco Amendola da Silva, como exercício de uma textura.

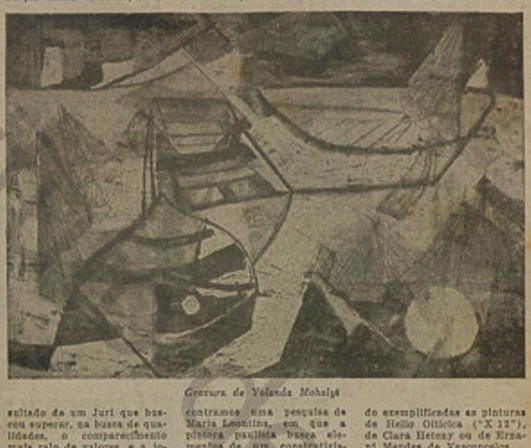
O jovem José Claudio conseguiu, com desenhos necessários, um estímulo no premio de aquisição, abdicando, bem sem duvida, um perigo. A juventude nem sempre deve ser premiada — os exitos fulminantes e o seu reconhecimento têm sido consequentes. José Claudio está no principio e tem muito que trabalhar.

Aldemir Martins, sempre habilíssimo em suas variações, conseguiu um pequeno premio de aquisição. E sempre alguma coisa na fase culminante que o desenhista está vivendo.

Para Yolanda Mohalyi, o Juri de Seleção foi certamente censurado pelo Juri de Premiação. Nem uma aquisição, por menor que fosse, coroou o trabalho honesto e bem confuzido dessa artista, cujas litografias se colocam como um trecho de tecnica admiravelmente realizada na gravura brasileira.

A escultura brasileira está numa fase de perplexidade — aceitou-se um trabalho de Agnaldo dos Santos, "Pilando dendê", realmente medíocre sob o auxílio do documento primario em que devemos colocá-lo. José Pedrosa traça volumes que apenas no passaro de metal se apresentam em constatação defensavel. De Moussa Pinto Alves, o "Espírito Santo" é uma peça de interesse. Zelia Salgado somente em "Aglae", marmore de bom acabamento, merece menção.

Isolado, com três peças diferentes, mas todas brilhantemente realizadas, Bruno Giorgi defende a posição da escultura brasileira, com a sábia dosagem plastica que a sua experiencia lhe deu e que lhe permite usar os ritmos com uma liberdade admiravel, nas ondulações da grande esfinge, ou no hieratismo estatico e solene dos guerreiros, e ainda no dinamismo das outras figuras.



Gravura de Yolanda Mohalyi

Desenho de Aldemir Martins

Um trabalho de Fayga Ostrower exposto na Bienal

Escultura de Bruno Giorgi

Tela de Franz Kracjberg, premio nacional de pintura

Idéias estéticas de Jorge Oteiza

Sobre suas opiniões estéticas, assim se manifestou o vencedor do Premio Internacional de Escultura:

"O pensamento de Kandinsky chegou a ser guia de artista contemporaneo. Por isto, em lugar de uma Estética (rais metafisica) estamos nos conformando com uma Psicologia da Arte (destino oico de uma Física da representação). Proposito, vocabularia, tecnica como uma imprópria adaptação, na atualidade, do Cubismo sobrevivente na profecia (expansão e flutuabilidade) das deduções de Kandinsky. A saber: a) "Da extensão que pode variar que nenhum de seus planos poderá proporcionar-lhe, a partir de sua cheia e anterior ocupação espacial. Ocupações amarelas, vermelhas e azuis, que não soubemos retificar. Porque uma investigação abstrata começa se abstrato pelo vazio. E o vazio não se ocupa, não se pinta, não se pensa. Pensa-se com a "não-cor". Não podemos renovar o espaço se não somos capazes de despida, como operação previa estetica, da inteligencia. Desenho, mas do espaço.

*

Hoje oriento todo o meu interesse, mais do que á integração funcional da Estatua com a Arquitetura e o mundo — que é o ornamental e tecnico que todos dominamos mais — á liberdade, transcende como um lugar fora da morte. Tomo o nome do que acaba de morrer. Regresso da Morte. O que queremos enterrar, cresce aqui".

(Do "Proposito Experimental" 1956-1957, de Jorge Oteiza, "Premio melhor escultor estrangeiro" na IV Bienal).

*

Roteiro da IV Bienal

Está aberta para visitação pública a IV Bienal, instalada no Palacio das Industrias no parque Ibirapuera, com acesso para o público no fim da grande "marquise".

Condução para a IV Bienal — Do Anhangabaú, partem as seguintes linhas de onibus com placa acima ao Edifício em que se acha instalada a IV Bienal:

Desenho de Arnaldo Pedroso d'Horta

alcançar um espaço por meio do desenho"; b) "Da cor, que empregada convenientemente, avança ou recua, e faz da imagem um ser flutuante no ar". Funda seu pensamento em um "desejo — que atribui ao Cubismo — de escapar á limitação e a superar a pintura sobre uma só superfície, depois de haver suprimido a terceira dimensão" e em como o Cubismo "converte as superfícies triangulares em pirâmides".

E' assim como podemos explicar a pintura atual, não podendo adiantar-se ao plano senão em combinações fechadas com ressonancia historica de velhas perspectivas ou cenarios, que precisamente o Cubismo havia logrado desmontar e que, agora, reaparecerem de costas, empurrados para fora, nesta especie de prolongação (Mortensen, por exemplo) de um Cubismo hemicíclico, com sua dura geometria saliente de diedros e vertices que o pintor — só o seguro instinto do pintor — força por não fechar, faltando-lhe a terminação final da obra como serviço metafísico para o homem. Indutivo como sítio sonho, espiritual, para a alma solitaria do espectador. Pessoalmente, confesso que estou farto do proximo, do escandalo vital do novel e cambiante, da Arte, no fim das contas, como espetaculo e exibição. Procuro que a Estatua atravesse um pouco este mundo da vida, esta dependencia inconsciente. Necessito para mim mesmo, na minha escultura, um sítio espiritual livre, ao meu lado, vasto, imovel, longínquo, duro — duro, em certo modo para fora — nu, protestante — protestante, em certo modo para fora — insolúvel e transcendental.

Por isto, posso dizer, agora, que minha escultura abstrata é arte religiosa. Não busco neste conceito da Estatua, o que temos, mas o que nos falta. Deriva, assim, do religioso á Estrela funeraria. Não é missão de silencio. E' a imagem religiosa da ausencia civil do homem atual. O que esteticamente nasce como desocupação do espaço, como Si-

Por isto, posso dizer, agora, que minha escultura abstrata é arte religiosa. Não busco neste conceito da Estatua, o que temos, mas o que nos falta. Deriva, assim, do religioso á Estrela funeraria. Não é missão de silencio. E' a imagem religiosa da ausencia civil do homem atual. O que esteticamente nasce como desocupação do espaço, como Si-

13 — S. Judas Tadeu; 105 — Sta. Amaro; 142 — Cidade Vargas; e 212 — Vila Guarani, Bonderw Ilhas Sta. Amaro e Brooklin, devendo os interessados descer na parada Ipê e entrar no parque Ibirapuera pelo portão n. 10.

Informações sobre a IV Bienal — Os socios do Museu e os alunos das escolas de Belas-Artes têm entrada livre. Os demais devem pagar Cr$ 20,00 pelo ingresso. A's quintas-feiras a entrada é franqueada ao público. Horario da exposição: todos os dias, com exceção das segundas-feiras, das 15 às 22 horas.

Grupos de escolas, gremios, clubes etc., depois de avisos por meio de carta dirigida á Secretaria da Bienal, gozam de entrada livre e podem solicitar explicações aos encarregados da exposição e aos monitores. Estão convidadas todas as escolas e agremiações para estas visitas, dando ensejo a melhor aproveitamento dos visitantes, especialmente nas salas especiais e retrospectivas da Bienal.